

Desporto para Crianças e Jovens



Razões e Finalidades

Organizadores

Adroaldo Gaya
António Marques
Go Tani


UFRGS
EDITORA



DESP
D472

Desporto para Crianças e Jovens

RESERVA TÉCNICA
Editora da UFRGS



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL**

Reitora

Wrana Maria Panizzi

Vice-Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Pró-Reitor de Extensão

**Fernando Setembrino
Cruz Meirelles**

Vice-Pró-Reitora de Extensão

Renita Klüsener

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Jusamara Vieira Souza

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Guimarães

Aron Taitelbaun

Carlos Alberto Steil

Célia Ferraz de Souza

Clovis M. D. Wannmacher

Geraldo Valente Canali

José Augusto Avancini

José Luiz Rodrigues

Lovois de Andrade Miguel

Maria Cristina Leandro Ferreira

Jusamara Vieira Souza, presidente

Desporto para Crianças e Jovens

Razões e Finalidades

Organizadores

Adroaldo Gaya
António Marques
Go Tani


UFRGS
EDITORA

RESERVA TÉCNICA
Editora da UFRGS

© dos autores
1ª edição: 2004

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Paulo Silveira
Revisão e editoração eletrônica: Trema Assessoria Editorial

Desporto para crianças e jovens : razões e finalidades / organização Adroaldo Gaya, António Marques, Go Tani. -- Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.

607 p.

Apresentações de Wrana Maria Panizzi, José Novais Barbosa e Adolpho José Melfi.

I. Educação física. I. Gaya, Adroaldo. II. Marques, António. III. Tani, Go.

CDU 796

Catálogo na publicação: Biblioteca Central/UFRGS

ISBN 85-7025-762-7

Nº de registro: 414

Nº de obra: 264

Data: 18/11/2009

2

O ESPORTE NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: ALGUNS PONTOS POLÊMICOS

Adroaldo Gaya
Lisiane Torres

INTRODUÇÃO

O presente ensaio está delimitado ao pensamento pedagógico em educação física e suas relações com as práticas esportivas de crianças e jovens. Considerando que o esporte representa um componente cultural de significativa importância na vida de todos os povos, tornando-se, indiscutivelmente, um fenômeno global, justifica-se a relevância de estudos que possam auxiliar na interpretação alargada do esporte enquanto fenômeno social e passível de tratamento pedagógico.

Interpretamos neste trabalho como pensamento pedagógico em educação física o conjunto de reflexões que problematiza expressões da ação humana restritas às manifestações da cultura corporal do movimento humano (o esporte, a dança, os jogos, as lutas, etc.) com o compromisso de analisar, interpretar e compreender essas diferentes formas de expressão à luz dos sentidos e valores, das condições e possibilidades, das normas e razões da educação e formação no e através do ato educativo.

Por cultura corporal do movimento humano compreendemos uma área demarcada da cultura onde estão presentes as diversas manifestações de um extenso repertório de tecnologias corporais – as danças, os jogos, as lutas, as terapias corporais, os esportes, a expressão corporal, etc. – constituintes de um patrimônio sociocultural historicamente construído.

São os seguintes os objetivos deste ensaio:

- 1) Configurar um quadro de interpretação para o esporte partindo do pressuposto que ele representa uma manifestação, entre outras, do que denominamos como cultura corporal do movimento humano;
- 2) interpretar o esporte como um fenômeno que se manifesta através de diferenciadas formas de expressão que, por conseqüência, propiciam diversas intencionalidades que diferem a partir dos objetivos, dos sentidos e das necessidades de seus praticantes. O esporte como um fenômeno polimorfo¹ e uma expressão polissêmica,² o esporte plurívoco;
- 3) identificar o rendimento esportivo, os regulamentos e a competição como categorias que atribuem ao esporte uma unidade conceitual passível de o diferenciar frente a outras expressões da cultura corporal do movimento humano (por exemplo: a dança e a ginástica);
- 4) identificar o papel e significado do esporte na escola, seja como conteúdo da educação física curricular ou na forma de esporte escolar como componente do currículo complementar;
- 5) argumentar em defesa de uma compreensão teórica do esporte que se antepõe às visões reducionistas que insistem em produzir contradições sobre as diversas manifestações das práticas esportivas (tais como: esporte escolar *versus* esporte de rendimento *versus* esporte de lazer, etc.). De outro modo, trata-se de, a partir de uma visão plural do esporte, perceber que entre as suas distintas expressões há complementaridade e não ruptura ou contradição, como em comum se pretende anunciar;
- 6) argumentar em defesa do esporte de rendimento para crianças e jovens contrapondo-se às visões unilaterais que insistem em defini-lo unicamente pela exacerbação de seus excessos.

¹ Que apresenta várias formas.

² Palavra que apresenta distintos sentidos.

SOBRE O SIGNIFICADO DE UMA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO HUMANO

Homens e mulheres, ao longo de sua história, têm produzido conhecimento e tecnologia visando atender seus interesses e necessidades. Como produto de sua criação no âmbito da linguagem, da expressão, do movimento, formaram-se distintos domínios culturais.

Como afirma Bento (2001, p. 109),

Estes domínios culturais configuram construções de sentidos humanos da vida, com modificações da sua forma de expressão em concordância com a respectiva situação histórico-social e na dependência da força criativa de pessoas e grupos. Mais ainda, os domínios culturais distinguem-se uns dos outros precisamente pelo teor dos sentidos constituintes da sua estrutura interna, assim como por instituições sociais específicas e pelo surgimento de estruturas de normas e valores.

No domínio relacionado com a expressão corporal, da mesma forma, homens e mulheres desenvolveram um conjunto de práticas com diversos sentidos: as danças, os jogos, as lutas, as ginásticas, os esportes, o teatro, as terapias corporais, etc. Portanto, foi constituída, para além de expressões de sentimentos, motivações, desejos e crenças, uma verdadeira e imensa tecnologia corporal. Assim, se estamos de acordo em considerar essas múltiplas expressões do movimento humano traduzidas nessa ampla tecnologia corporal como manifestações da cultura, parece pertinente apontarmos para uma área mais ou menos específica da cultura. Uma área onde se possam configurar espaços para investigações, espaços de expressões, de aprendizagens, de discursos. Enfim, evidencia-se a perspectiva da constituição de uma área acadêmica cujo objeto de estudo possa ser representado pela cultura corporal do movimento humano.

O CONCEITO DE ESPORTE PLURAL

Neste ensaio pretendemos traçar um quadro de interpretações relacionadas especificamente sobre o esporte de crianças e jovens, suas dis-

tintas formas de manifestação e suas relações com a educação física.³ Propomos percorrer este caminho sinuoso, com ladeiras íngremes e repleto de armadilhas, partindo de um ponto bem identificado do mapa. Vamos partir de um conjunto de hipóteses ou conjecturas teóricas assim expressa:

1) O esporte deve ser compreendido a partir de um sentido plural. Em outras palavras, o esporte é um fenômeno com várias formas e uma expressão com distintos significados: Esporte de excelência, de lazer, escolar, de reeducação e reabilitação.

2) Este sentido plural: polimorfo e polissêmico decorre das motivações e sentidos atribuídos pelos seus praticantes.⁴

3) Não obstante, é necessário reconhecer que o esporte mesmo compreendido na pluralidade de suas formas e sentidos, mantém uma estrutura peculiar. Mantém um conjunto de categorias essenciais que permanecem presentes em todas essas manifestações. Esta estrutura é constituída, principalmente, pelas categorias rendimento corporal, regulamentos e competição.

Em síntese, o que este conjunto de hipóteses indica é que, mesmo reconhecendo que o esporte é plural em sentidos e formas, do nosso ponto de vista, não haverá esporte, seja na ótica da excelência, do lazer, da escola ou de reeducação, sem preocupações com o rendimento corporal, sem regulamentos e sem competição.

³ Todavia, é importante um esclarecimento. É necessário sublinhar que a opção por tal conteúdo não deve ser interpretada na perspectiva da absoluta valorização do esporte frente às outras manifestações da cultura corporal do movimento humano. Não está no horizonte teórico dos autores qualquer pretensão de tornar o esporte manifestação hegemônica entre as fronteiras da cultura corporal e, muito menos, como conteúdo exclusivo da educação física escolar. Portanto, que fique explícito nosso entendimento: percebermos o esporte e suas diversas formas de expressão enquanto constituintes de um espaço cultural amplo que designamos como cultura corporal do movimento humano.

⁴ Como testemunho desse pluralismo podemos referir as distintas expressões e sentidos do esporte atribuídos, por exemplo: pelo esporte de alto rendimento ou de excelência; o esporte de lazer; o esporte escolar e o esporte de reeducação/reabilitação.

No entanto, para que se mantenha a coerência entre os argumentos que, por um lado, supõem um esporte de configuração plural e, por outro, lhe atribuem uma estrutura singular, é necessário explicitar de que modo se articulam essas duas proposições teóricas.

Nossa resposta é simples: se expressa na plasticidade de sentidos, atribuídos pelos esportistas a competição, aos regulamentos institucionalizados e ao rendimento. Em outras palavras, sugerimos que as categorias competição, regulamento e rendimento corporal estão presentes em toda a manifestação esportiva, embora, como já frisamos, relativizadas no âmbito plural dos sentidos atribuídos ao esporte por seus praticantes.

É preciso perceber que são as distintas configurações ou as ênfases que se atribuem às categorias rendimento, regulamentos e competição que definem, por exemplo:

- o esporte de alto rendimento ou esporte de excelência, onde predominam os aspectos parciais do comportamento corporal e motor, objetiváveis e mensuráveis, aos quais se aplicam os propósitos fundamentais de padronização, sincronização e maximização (Costa, 1987), onde as categorias rendimento, regulamentos institucionalizados e competição são maximizadas;
- o esporte escolar, onde se valorizam as possibilidades normativas na formação sobre valores, atitudes, habilidades e conduta humana. Nessa perspectiva as categorias rendimento, competição e regulamentos ficam submetidas a princípios de educação e formação de crianças e jovens;
- o esporte de lazer, onde se enfatizam as tarefas higiênicas de saúde e de catarse, minimizam-se a formalidade e o rigor típico dos regulamentos institucionalizados e abre-se oportunidade para a modificação na forma, no espaço, na técnica e na participação;
- o esporte de reabilitação e reeducação, onde se consideram as diversas possibilidades físicas, motoras e orgânicas dos praticantes, e a partir dessas necessidades se reorganizam formas diferenciadas de regulamentos e competições, conferindo ao esporte a possibilidade de se configurar como coadjuvante de elevado significado nas estratégias de saúde pública e promoção da saúde.

Ao assumirmos a interpretação do esporte como um fenômeno polimorfo e polissêmico, se torna viável a conjectura de que grande parte das divergências que permeiam os debates sobre o esporte na comunidade acadêmica decorre do fato do esporte ser conjugado no singular. Tantas vezes percebe-se, descreve-se e discute-se o esporte pela via única de sua expressão de alto rendimento. Tudo se resume ao alto rendimento. E ainda mais, tantas vezes, principalmente quando interesses ideológicos permeiam os debates, se interpreta o esporte exclusivamente pelos desvios morais e por um quadro de referências éticas que em nada o dignificam. Associa-se o esporte em geral e as práticas esportivas ao *doping*, aos problemas oriundos de *overtraining*, aos excessos da mercantilização do espetáculo esportivo, etc. Realizam-se essas associações como se tais fatos fossem inerentes à estrutura essencial do esporte em toda sua diversidade de sentidos. Tal perspectiva claramente não faz justiça à grandeza e à relevância social do esporte como expressão da cultura.

Por outro lado, é preciso perceber com adequada clareza que o esporte de alto rendimento ou de excelência, o esporte de lazer, o esporte na escola e o esporte para pessoas portadoras de necessidades especiais não são, necessariamente, expressões contraditórias; não são práticas que devam lutar incessantemente para excluírem-se umas às outras. Pensar assim é pensar o esporte no singular.

É importante que se reconheça, por exemplo, que as práticas do esporte de excelência são restritas a uma minoria de sujeitos privilegiados biologicamente (e, em muitos casos, socialmente). O esporte de excelência exige talento, o esporte de excelência é regido pela valorização da maximização de desempenho, é meritocrático, portanto atende um extrato muito pequeno de participantes, que, todavia, não merecem ser discriminados. O esporte de excelência não é para todos. O esporte de lazer, por seu lado, é direito de todos indiferentemente dos níveis de *performance* ou da exigência de maior ou menor talento esportivo. O esporte de lazer visa principalmente a participação, a inclusão. Entretanto, é importante que se afirme, não dispensa a busca incessante do auto-rendimento (rendimento próprio) como pressuposto ético. No entanto, esse rendimento, diferentemente do esporte de excelência, é auto-referenciado. O esporte de lazer não dispensa a competição como critério de avaliação, nem a vontade de vencer como objetivo de sua prática,

mas a competição não é normatizada por uma referência externa (o recorde, por exemplo) e, tão pouco o vencer assume finalidade única. Por outro lado, o esporte na escola é para que crianças e jovens, independentemente de suas potencialidades físicas, motoras e esportivas, aprendam a praticá-lo, tenham acesso à cultura esportiva e ao quadro axiológico decorrente. É orientado por uma pedagogia de ensino-aprendizagem, mas, da mesma forma, não dispensa preocupações com os valores relacionados ao rendimento, às regras intucionalizadas e à competição.

Assim sendo, estamos convencidos de que não faz sentido armarmos tantas trincheiras e andarmos a combater uns aos outros: os amantes aficionados do esporte de rendimento *versus* os defensores do esporte de lazer; os professores de educação física escolar pretendendo inventar um novo esporte para inseri-lo nos currículos. Deixemos de lado as divisões, dicotomias e intolerâncias e vamos conjugar o esporte no plural. Vamos perceber que os distintos sentidos, manifestações e motivações intrínsecas às diversas práticas esportivas oportunizam a todos, independentemente das motivações que os movem e de seu grau de *performance*, encontrar na prática esportiva espaço de auto-aprendizagem, auto-realização. Isso porque, como afirma Bento (apud Gaya, 1994, p. 10), no esporte podemos encontrar e cultivar os valores da corporalidade, da condição física e saúde, do rendimento, do empenhamento, da persistência, da ação, da dificuldade e da realização, da tensão, do dramatismo e da aventura, é um espaço de expressão e comunicação, de estética, de impressões e experimentações, de cooperação e intenção.

O ESPORTE COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE NA ESCOLA

Se a interpretação e os discursos sobre o significado, funções e relevância do fenômeno esporte por si só gera um difícil consenso teórico, as dificuldades multiplicam-se quando se pretende acordar opiniões concernentes às relações entre o esporte como conteúdo da educação física. Neste amplo espectro de pontos de vista encontramos posições que vão da negação peremptória do esporte como conteúdo da educação física até sua constituição como o elemento central e exclusivo. É evi-

dente que entre esses dois pólos visualiza-se um conjunto alargado de propostas de intervenção. Parece-nos claro, no entanto, que é por consideração à significativa relevância do esporte no âmbito da cultura em geral, e da cultura corporal do movimento humano em especial, que se definem diversas convicções pessoais e de grupos sobre o papel do esporte como conteúdo da educação formal.

Esporte na escola como conteúdo da educação física

Ao tratarmos do esporte na escola, colocamos em destaque alguns pontos sobre os quais temos divergências com influentes autores de nossa área. Talvez nossa principal discordância centre-se no fato de que não compartilhamos da idéia de que o esporte deva ser radicalmente modificado para ser tratado no espaço escolar. Interpretamos que tais propostas sejam decorrentes de uma visão singular do esporte, ou seja, a visão que o interpreta exclusivamente na ótica do alto rendimento. Consideramos que apenas nessa perspectiva é que se justificaria que o esporte, para ser tratado na escola, necessita de reformulações tais como:

- substituição do cronômetro para a medição do tempo de uma corrida de velocidade por uma longa fita que, amarrada à cabeça, encoste no chão, exigindo que o aluno desenvolva uma determinada velocidade, durante seu deslocamento, de modo que a fita não toque o solo. Tal modificação é defendida a partir do pressuposto de que “o atletismo no ensino tradicional não é jogo, nele não há diversão, é pura busca de melhor rendimento” (Kunz, 1994);
- substituição das cestas de basquete (quando elas existem) por pneus, balaios ou tonéis, em nome de uma pretendida criatividade;
- reinvenção, a cada turma de estudantes, das regras de voleibol, futebol ou handebol, em nome da necessidade de desenvolver em nossos alunos uma possível visão crítica, assim como a criação de um novo futebol com 4 goleiras e 4 bolas onde qualquer aluno possa fazer gols em qualquer uma das metas com qualquer das bolas em nome da alegria, do lúdico e da democratização do prazer de fazer gols, etc...

Diferentemente dos exemplos citados e conforme apresentado em parágrafos anteriores, entendemos o esporte enquanto um fenômeno plural. Nessa perspectiva, o esporte escolar pressupõe objetivos e procedimentos diferenciados daqueles do esporte de alto rendimento. No âmbito da didática do esporte para crianças e jovens, se fazem necessárias simplificações técnicas e táticas, de regulamento e de espaço, de número de participantes; porém continuam presentes as categorias de rendimento (rendimento próprio), regulamentação (de reduzida complexidade) e a competição. Ou seja, as modificações implementadas não desconfiguram as características de identidade de cada modalidade esportiva e, através da sua prática, são desenvolvidos aspectos formativos (a cooperação, o cumprimento às regras que foram acordadas, o respeito ao adversário, o reconhecimento e aceitação das limitações (próprias e dos outros), a possibilidade de superação das suas limitações, etc.).

Façamos uma ressalva. É evidente que se quisermos jogar livremente nada impede que se criem exercícios novos, atividades diversas. Porém, não é disso que estamos tratando. Trata-se, isto sim, de aulas sobre práticas esportivas formais. São aulas de atletismo, de basquete, de futebol, enfim, expressões da cultura corporal do movimento humano onde estão presentes tecnologias corporais formalizadas com objetivos bem definidos. É, do nosso ponto de vista, um engodo propor às crianças o ensino de esportes e passarmos o tempo todo da aula brincando com os jogos recreativos e, ao final, terminarmos nosso programa sem que ninguém saiba sequer as regras e as técnicas elementares que lhe permitam praticar uma qualquer atividade esportiva e ainda mais, impondo um discurso fundamentalista contra o rendimento esportivo, as normas institucionalizadas e a competição.

Nosso questionamento em relação à necessidade de mudanças estruturais na forma do esporte como conteúdo da educação física ou como esporte escolar é: se concordamos que o esporte é uma expressão da cultura, assim como a pintura, as artes plásticas, a música, por que devemos subverter essa prática ao transportá-la para a escola? Na aprendizagem musical, seria necessário substituir o violino por um outro objeto similar (talvez o cavaquinho) apenas porque o violino é utilizado na arte de excelência dos músicos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre? Será que em nome de uma visão crítica ou de uma pedagogia criativa deverí-

amos, nas aulas de alfabetização, sugerir a cada turma de alunos que criem novas regras fonéticas ou gramaticais? E na matemática, será que deveríamos recodificar os símbolos numéricos para cultivar a criatividade? Ora, se vamos ensinar atletismo, basquete ou handebol, sendo possível, por que não utilizar os materiais apropriados, as regras regulamentares e as técnicas adequadas? Por que reinventar o esporte em cada turma de estudantes se o objetivo do esporte na escola é a apropriação da cultura esportiva?

É claro que, até certo ponto, percebemos as intenções dos pedagogos orientados pela sociologia crítica. Eles entendem que não se deve reproduzir um modelo de prática esportiva que é colado a um modelo social do qual todos nós queremos distância. Mas, do nosso ponto de vista, o equívoco está em não perceber, aliás como refere Umberto Eco (1984, p. 223), “que há uma prática esportiva enquanto tal e um conjunto de discurso sobre o esporte. Neste último, sobre o qual já são exercidos especulações e comércios, bolsas e transações, vendas e consumos decorrentes”. Esses discursos sobre o esporte ocorrem em vários níveis. São apropriações sobre uma prática cujo o cerne é a própria prática corporal.

Vejam um exemplo. A prática do futebol tem se mantido praticamente a mesma ao longo dos anos. Todavia, o futebol hoje é um negócio que envolve interesses financeiros, políticos e está ligado a grandes incorporações multinacionais. No Brasil e em Portugal, atualmente, ligado também a muita corrupção. Não temos dúvidas em reconhecer na sociologia crítica potencialidade para desvendar essas realidades. Mas nós estamos convencidos de que, ao desvelar os fenômenos discursivos inerentes aos mecanismos da sociedade moderna, os sociólogos e pedagogos críticos da educação física imputaram sobre a efetiva prática esportiva, em todos os níveis, os valores críticos referentes às ideologias dominantes. Portanto, sugerem tais pensadores, se o esporte é importante fenômeno social e não podemos evitá-lo, então vamos transformá-lo para que não siga reproduzindo os valores perversos do modelo neoliberal. Enfim, através do olhar da sociologia, se faz a leitura do esporte a partir de um discurso externo que é devidamente transferido para o fenômeno esportivo na sua totalidade, o que, convenhamos, representa um atitude de evidente maniqueísmo. E os prejuízos práticos dessa atitude são evidentes. Hoje inúmeros professores nas escolas de nosso país não têm convicções claras de como trabalhar com o ensino

dos esportes. Muitos deles deixam de fazê-lo, outros apenas permitem que os jogos aconteçam livremente durante as aulas e abstêm-se de realizar quaisquer intervenções pedagógicas.

Entretanto, nossas pesquisas realizadas com crianças de classes populares no âmbito do Projeto Esporte Brasil (Gaya et al., 2002) exibem o índice alarmante de aproximadamente 90% de crianças de 7 a 14 anos e de nível socioeconômico baixo (classes C, D e E) que não tiveram acesso a qualquer prática esportiva sistematizada. Nas classes média e alta (classes A e B) essa cifra atinge em torno de 50% (Guedes, 2002). E, se considerarmos que a educação física se configura para muitos desses alunos como a única possibilidade da aprendizagem da cultura esportiva, será que estamos trilhando o caminho correto quando colocamos tantos óbices à prática esportiva formal na escola?

Não deixamos de reconhecer alguns pontos convergentes nestas distintas visões sobre o esporte. São procedentes muitas das críticas que são oferecidas pela sociologia e pedagogia crítica. Talvez a mais evidente é que se possa utilizar o esporte na escola na perspectiva da exclusão da maioria em prol dos mais talentosos. Sem meias palavras, que se utilize a educação física para o treinamento das equipes da escola. Não negamos que isso ainda ocorre e nossa posição é claramente contrária a essa situação. Entendemos que o esporte na escola, seja como disciplina complementar ou como conteúdo da educação física, deve ser orientado pelo princípio do auto-rendimento (rendimento de acordo com as possibilidades pessoais, onde cada um busque o aprimoramento desejável e possível) e deve ser orientado para que todos tenham a oportunidade de aprendê-lo e praticá-lo.

O esporte na escola como disciplina do currículo complementar

Somos adeptos do esporte escolar como uma disciplina do currículo complementar. Entendemos que à educação física cabe tratar da cultura corporal do movimento em sua maior amplitude. A dança, a ginástica, os jogos, o desenvolvimento motor, a aptidão física referenciada à saúde, etc., devem ocupar espaço nos programas de educação física. Mas, por outro lado, o esporte, como também a dança, pela sua importância cultu-

ral e social, assim como outras formas de expressão, deve compor o currículo complementar. Mas enfatizemos: essa disciplina, o esporte escolar, não se confunde com a formação das equipes escolares, ela tem como objetivo multiplicar as aprendizagens das modalidades esportivas, não possuindo qualquer caráter de exclusão por critério de *performance*. Seu objetivo é possibilitar o acesso das crianças às práticas esportivas formais. Aliás, esses são os objetivos explícitos do Programa Esporte na Escola, do Ministério do Esporte e do Turismo do Brasil.

Por fim, também entendemos como possível e desejável, desde que haja condições, que seja incrementado nas escolas os clubes esportivos. Temos consciência que este é mais um tema polêmico em nosso debate. Nesse caso, tais clubes reuniriam os alunos que tivessem interesse em participar do esporte de rendimento mais exigente. As equipes representativas da escola, os atletas cujo interesse seria o de participar de competições externas, etc. Afinal, quantas crianças das classes mais pobres têm acesso aos clubes e escolinhas esportivas, oferecidos às classes média e alta? E, por outro lado, reafirmamos que, do nosso ponto de vista, não há qualquer contradição entre o clube esportivo, o esporte escolar e o esporte enquanto conteúdo da educação física; são instâncias diferentes, mas que se bem planejadas podem constituir-se em práticas pedagógicas complementares.

O ESPORTE DE EXCELÊNCIA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Temos a convicção que grande parte das desavenças entre idéias favoráveis e contrárias ao esporte de excelência para crianças e jovens decorre da dificuldade de comunicação entre os debatedores. A falta de consenso quando se define o chamado esporte de rendimento tem motivado interpretações muito diversas, o que acaba por proporcionar um debate entre estudiosos que usam as mesmas palavras, todavia com significados distintos.

Sobre o esporte de excelência, temos assumido a definição proposta por Costa (1987, p. 3):

É uma expressão na qual predominam aspectos parciais do comportamento corporal e motor, objetiváveis e mensuráveis. Expressão corporal e motora

em que se evidencia um fluxo contínuo de ações com comportamentos ordenados e estáveis, aos quais se aplicam os propósitos fundamentais de padronização, sincronização e maximização.

O que pretendemos sublinhar na definição de Lamartine Pereira da Costa é que o esporte de excelência, mesmo relacionado a crianças e jovens, tem objetivos bem definidos. Entre outros, ele enfatiza a maximização de desempenho. Ora, sendo assim, é exatamente essa característica que o torna inadequado para constituir-se como conteúdo da educação física escolar.

Não obstante, e aqui se situa provavelmente mais uma de nossas divergências com os autores da pedagogia crítica, entendemos que o esporte de excelência não deixa de proporcionar a seus praticantes mais jovens aspectos de alto sentido formativo e educacional. Mas, infelizmente, em nosso meio acadêmico ainda persiste o olhar quase sempre sectário de uma teoria crítica que maximiza os excessos e, simplesmente, deixa de reconhecer aspecto positivo que essa prática pode oferecer.

Outro ponto de vista que propomos ao debate é o fato de que o discurso crítico ao qual nos referimos sobre o esporte de rendimento não delimita com clareza os critérios que situam determinada prática esportiva como sendo efetivamente de rendimento. Se não vejamos: uma criança ou jovem que participa de uma escolinha esportiva duas ou três horas por semana ou um jovem tenista que pratica seu esporte diariamente podem ser considerados como praticantes de esporte de rendimento ou de alto rendimento? Podemos considerar atletas de jogos escolares em geral como atletas participantes de esporte de excelência? Enfim, tais discursos que anunciam possíveis prejuízos a valores fundamentais da saúde física, psicológica e social dos mais jovens envolvidos com o esporte de alto rendimento estão adequados ao quadro real das práticas esportivas desses jovens? É evidente que quanto maior for a carga de treino, maior é o risco de surgirem problemas diversos e de várias origens. Mas isso seria motivo para excluir a prática esportiva de rendimento para crianças e jovens? Ou, pelo contrário, seria motivo para que as pesquisas pudessem ser orientadoras de uma prática pedagógica consistente, que resguardasse nossos atletas jovens de dificuldades dessa ordem?

Parece uma hipótese viável considerar que está subjacente, em vários discursos críticos que combatem de forma sectária o esporte de rendimento, a incapacidade de que se possam viabilizar procedimentos pedagógicos que permitam tratar o esporte de rendimento como modelo de formação de crianças e jovens. Nós pensamos de forma diversa. Temos a convicção de que, se por um lado, há desajustes e excessos nessas práticas, por outro lado, entendemos que produzir conhecimentos capazes de adequá-lo às exigências biológicas, psicológicas e sociais inerentes aos diversos estágios de desenvolvimento da criança e do jovem é a nossa função como pesquisadores e pedagogos do esporte.

A título de ilustração vejamos a seguinte afirmação:

No esporte de rendimento as ações são julgadas pelo seu resultado final, a performance esportiva mensurada/valorizada em função do código binário da vitória-derrota. Os meios empregados no treinamento, o próprio treinamento, tudo é medido pelo resultado final. A própria prática, o processo, a fruição do jogo não assumem importância significativa para o sistema. (Bracht, 2001, p. XVI).

Ora, não faz parte do mundo real das práticas esportivas de rendimento tamanha dimensão ou obsessão pela vitória, ainda mais se tratamos do esporte de crianças e jovens. Qualquer pai, mãe, professor, treinador, dirigente, atleta que tenha convivência em alguma comunidade esportiva sabe que o esporte de rendimento é uma escola de vida. Se apenas a vitória fosse objetivo final certamente não teríamos tantas crianças e jovens participando, pois é evidente que os vencedores constituem a minoria entre o universo dos atletas jovens.

Mesmo a perspectiva de vitória deixa de fazer sentido e normalmente frustra o vencedor quando o adversário não lhe impõe qualquer dificuldade. Tal fenômeno se observa no dia-a-dia dos campos de competição. O próprio treino perde sentido se não houver um esforço envolvido na superação do adversário. Ganhar e perder são contingências do esporte, e talvez a sua prática seja a melhor forma de aprendermos a conviver com ambas as faces da disputa.

É bem verdade que excessos ocorrem. Vamos encontrar na prática do esporte de rendimento para crianças: pais exigentes em demasia com comportamentos nada adequados à formação moral de seus filhos; trei-

nadores que procuram a qualquer preço a vitória, sem importar-se com padrões éticos e pedagógicos; dirigentes sem escrúpulos que se valem do esporte para fins e interesses pessoais, financeiros e políticos. Mas estes não são percalços apenas do esporte de rendimento, eles estão presentes em outras práticas sociais.

Não devemos esquecer, por outro lado, que esses jovens, diferentemente da maioria dos seus colegas da mesma idade e de nível econômico mais baixo que não tem oportunidades para participar de equipes e competições esportivas, convivem em grupo com interesses comuns, compartilham ambientes sociais diversos. Viajam juntos, conhecem amigos novos em cada torneio, inclusive muitas vezes se hospedam em casa desses novos amigos (adversários nas quadras esportivas), conhecem novas cidades, etc. Tais fatos não podem ser desconhecidos quando analisamos o potencial de formação do esporte de que em nada colabora com o desvelar radical das possibilidades educacionais do esporte de rendimento e alto rendimento.

É importante que se diga, diferentemente do que muitos apregoam normalmente, que nossas crianças e jovens não são submetidos a cargas excessivas de treino. Pelo contrário, nossos estudos com participantes dos Jogos da Juventude, Jogos Escolares Brasileiros e atletas jovens em várias modalidades esportivas sugerem que seus índices de aptidão física apresentam níveis satisfatórios quando relacionados à saúde, enquanto uma parte considerável dos estudantes que apenas praticam a educação física escolar e esportes de forma assistemática encontram-se abaixo da zona saudável de aptidão física (Poletto, 2001).

Entendemos que desconhecer todo o conjunto de envolvimento social que ocorre no seio de uma comunidade esportiva e resumir o envolvimento no esporte de rendimento apenas na obsessão pela vitória como sugere o exemplo que apresentamos, constitui uma visão irreal e que não se sustenta para quem, minimamente, mantém contato com o esporte de rendimento de crianças e jovens.

Enfim, sobre o esporte de rendimento para crianças e jovens é preciso, como afirmam Marques e Oliveira (2001, p. 1):

A configuração e os contornos da atividade de treino e de competição continuam a justificar reflexões profundas, uma intensa atividade de

investigação. [...] Trata-se de promover um desporto em que os mais jovens sejam, mais do que objeto, o sujeito da prática.

Portanto, trata-se de investigar modelos de intervenção pedagógica que possam assegurar um elevado rendimento esportivo sem pôr em causa o desenvolvimento e os valores fundamentais da saúde – física, psicológica e social – de nossas crianças e jovens.

CONCLUSÕES

No presente ensaio tratamos de um conjunto de temas relacionados ao esporte de crianças e jovens. Nossos objetivos apontaram para conjecturas que permitem a definição de uma pauta para debates principalmente no âmbito da pedagogia do esporte. Assim, em forma de síntese podemos relacionar as seguintes principais conclusões:

- O esporte constitui-se como um dos constituintes de uma área específica da cultura que denominamos como cultura corporal do movimento humano. Todavia, sua dimensão antropológica exige diferenciáveis matizes de interpretação que se concretizam a partir das exigências, motivações e perspectivas de seus praticantes. O esporte, como sugere Bento (1999), é uma expressão polimórfica e polissêmica, ou seja, apresenta formas e sentidos diferenciados que se expressam, por exemplo: no esporte de excelência, esporte de lazer, esporte na escola e esporte de reeducação e reabilitação.
- Todavia, embora o esporte apresente expressões diferenciadas quanto às motivações e sentidos de seus praticantes, há uma estrutura que, adstrita a um conjunto de categorias, atribuem ao esporte uma unidade conceitual que o diferencia de outras expressões da cultura corporal do movimento humano (por exemplo, da dança e da ginástica). Entre essas categorias estão presentes: a) o pressuposto ético da procura pelo *rendimento esportivo*; b) mediado através dos *regulamentos institucionalizados* que, por sua vez; c) normatizam as *competições esportivas* que representam formas de avaliação e auto-avaliação das potencialidades e aprendizagem esportivas.

• As diferentes expressões inerentes às práticas esportivas não são excludentes ou contraditórias. É necessário que se perceba que suas configurações possibilitam práticas com objetivos claramente diferenciados. O esporte de excelência é uma prática que, ao exigir *performances* avançadas, é restrito a um conjunto de sujeitos diferenciados – os talentos esportivos. Portanto, não há contradição possível entre aqueles que desejam e possuem competência para as práticas de excelência e aqueles que buscam no esporte formas de lazer onde o objetivo é a participação e a inclusão. Tampouco há contradição com o esporte na escola na ótica do ensino e aprendizagem e na ótica do esporte de reabilitação e reeducação com suas preocupações no âmbito da promoção da saúde. Enfim, advogamos que, antes de serem excludentes, as diversas manifestações das práticas esportivas são complementares no quadro de sentidos e motivações de seus praticantes.

• O esporte é considerado como um elemento da cultura corporal do movimento humano, construído histórica e socialmente. Como tal deve ser repassado a gerações futuras. Possibilitar o acesso a essa tecnologia corporal a crianças e jovens deve constituir-se como um dos principais papéis da educação física escolar. Entretanto, para que se possa cumprir esse papel é necessário não descaracterizar as modalidades esportivas a ponto de não mais identificá-las como tal. Manter as preocupações com o desempenho técnico, com as regras normativas e com a adequada postura moral frente à competição fazem parte desse aprendizado.

• O esporte na escola enquanto componente do currículo complementar não se confunde com a educação física e tampouco com o esporte de rendimento. Sua finalidade é oportunizar às crianças e jovens um aprofundamento das práticas esportivas. Pressupõe processos de inclusão e participação e deve ser desenvolvido através de princípios de formação e educação das crianças e jovens nas diferentes modalidades esportivas.

• O esporte de rendimento para crianças e jovens constitui-se num espaço amplo de formação e educação. Embora se constitua numa prática seletiva sob o ponto de vista do talento esportivo, não se pode negar sua potencialidade em propiciar oportunidades diversas para o desenvolvimento social e moral de seus praticantes.

REFERÊNCIAS

BENTO, J. O. Contexto e perspectivas. In: BENTO, J. O.; GARCIA, R.; GRAÇA, A. *Contextos da pedagogia do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

_____. Da crise da educação física no contexto internacional. In: SANTOS, E. S. *Olho mágico: o cotidiano, o debate e a crítica em educação física*. Canoas: ULBRA, 2001.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Revista Movimento*, Porto Alegre, UFRGS, 6, n. 12, p. XIV-XXIV, 2002.

COSTA, L. P. da *A reinvenção da educação física e desporto segundo os paradigmas do lazer e da recreação*. Lisboa: DGD, 1987.

ECO, U. *Viajem na irrealidade cotidiana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GAYA, A. C. A. *As ciências do desporto nos países de língua portuguesa: uma abordagem epistemológica*. Porto: Universidade do Porto, 1994.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

MARQUES, A. T.; OLIVEIRA, J. *O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde*. 2001. Texto inédito a ser publicado em obra conjunta entre USP e UP.

POLETTI, A. *Hábitos de vida, estado nutricional, perfil de crescimento e aptidão física referenciada à saúde: subsídios para o planejamento da educação física escolar e esportes na escola cidadã*. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.